



PROGRAMA DE DISCIPLINA
MESTRADO E DOUTORADO

Linha de pesquisa: Literatura, História e Cultura
Disciplina: Literatura e Identidades Culturais
Título do Curso: A experiência de viagem de cientistas exploradores no Brasil: narrativas de viagem do século XIX e representações ficcionais contemporâneas
Docente Responsável: Prof. Dr. Pascoal Farinaccio
Dia/Horário: Segundas-feiras das 14:30h às 18h:30h

EMENTA

Este curso propõe uma reflexão sobre a experiência de viagem de cientistas exploradores que participaram de expedições científicas no Brasil da primeira metade do século XIX. Como se sabe, com a chegada, em 1808, da família real portuguesa ao Rio de Janeiro e a posterior abertura dos portos às nações amigas o país passou a ser frequentado por cientistas de proveniências diversas interessados em mapear e catalogar as paisagens brasileiras e suas riquezas de fauna e flora, bem como suas características climáticas, geográficas e geológicas com os métodos científicos da chamada história natural. O Brasil era então concebido como “paraíso tropical” de exuberante biodiversidade que precisava ser *conquistado* também pelos métodos da ciência. As narrativas desses viajantes naturalistas também são pródigas em informações sobre a população brasileira em geral e, particularmente, sobre os povos indígenas, que lhes despertavam grande interesse etnográfico. Trata-se aqui de conhecimento a ser produzido *in loco*, ou seja, em oposição direta a um tipo de conhecimento realizado apenas a partir de um aconchegante gabinete de estudos. Assim sendo, a viagem torna-se *elemento essencial* para a produção de conhecimento novo. *Olhar bem e narrar o nunca visto*: eis um emblema dos cientistas exploradores. Aqui vale lembrar um dos mais célebres entre eles: o naturalista inglês Charles Darwin, que esteve no Brasil em 1832 e 1836, tendo declarado em sua autobiografia, escrita quando já idoso, que sua experiência de viagem no navio *Beagle* aperfeiçoou sua “capacidade de observação”; ainda nessa perspectiva, mais eloquentes ainda são suas palavras no diário redigido durante a própria viagem: “Aqui eu vi pela primeira vez a exuberância da vegetação tropical (...) Foi para mim como se um cego ganhasse olhos”. De fato, como propõe o filósofo italiano Paolo Scarpi (1992), toda viagem digna de nome é regida por um “princípio de transformação” do sujeito, vale dizer, o sujeito que regressa já não é mais o mesmo que partiu, pois sua identidade foi transformada mediante seu confronto com alteridades paisagísticas, de fauna e flora e alteridades culturais humanas. Só viaja realmente quem está aberto e disposto a pagar o preço de sua própria alteração identitária. O curso propõe uma abordagem do assunto em duas etapas: na primeira, serão estudadas narrativas de viagem de alguns importantes naturalistas que estiveram no Brasil no século XIX (elencados abaixo no Programa), contextualizando-se historicamente o período áureo (e imperialista) das expedições exploratórias dos europeus e o âmbito da ciência iluminista e sua nova compreensão do mundo natural; também será estudada a primeira expedição científica brasileira, financiada por Pedro II, concebida nos moldes das expedições europeias, mas visando produzir conhecimento do país pelos próprios brasileiros. Em uma segunda etapa, abordaremos obras ficcionais que *dialogam criticamente* com o legado dos viajantes naturalistas: sobretudo romances históricos que recontam essas viagens exploratórias a partir de *outra perspectiva*, a dos habitantes locais (geralmente apenas objeto de visão e discurso nas narrativas europeias: são vistos e apropriados mediante conceitos e ideias gerados em contexto sociocultural diverso, mas que, por assim dizer, não veem e não falam); cabe a essas obras, justamente, enfatizar um *outro olhar* e um *outro saber* sobre a vida social e as relações humanas com plantas e animais. Nessa linha de revisão crítica, são colocados em discussão tópicos importantes como imperialismo e relações de poder, racismo e etnocentrismo, memória e legado cultural. Essa revisitação pela imaginação ficcional das narrativas de viagem do século XIX também se alimenta, em benefício próprio, de novas compreensões sobre o mundo natural, tendo-se alargado em muito nosso conhecimento contemporâneo sobre plantas e animais, sobre a inteligência e sensibilidade desses outros seres vivos que compartilham o planeta com os animais humanos e sem os quais a vida, tal qual a conhecemos, simplesmente não existiria.

PROGRAMA

Começamos contextualizando as expedições científicas do século XIX e a nova compreensão de fauna e flora proposta pela história natural. A partir disso, passamos ao estudo das atividades científicas de três viajantes naturalistas no Brasil: o barão Georg Heinrich von Langsdorff, alemão que ocupou o cargo de cônsul geral da Rússia no Rio de Janeiro e que, sob o patrocínio do czar Alexandre I, liderou o que é hoje conhecida como a Expedição Langsdorff, que entre 1824 e 1829 viajou por Minas Gerais e São Paulo e depois, seguindo sempre por vias fluviais e passando pelo Mato Grosso, chegou até o Amazonas pelo rio Tapajós. Foi uma expedição que contou com brilhantes cientistas estrangeiros, muito bem equipada do ponto de vista técnico, incluindo pintores de excepcional qualidade (Rugendas, Aimé-Adrien Taunay e Hercule Florence) para registrar paisagens, fauna, flora, indígenas, mas que acabou de forma trágica. Boa parte da equipe faleceu durante o percurso ou adoeceu terrivelmente de malária, em particular Langsdorff, que perdeu a memória por conta da doença, jamais vindo a restabelecê-la novamente. É um exemplo notável das adversidades que a natureza tropical pode impor a quem ousa afrontá-la sem o cuidado necessário. Outro viajante naturalista é o botânico alemão Carl Friedrich Philipp von Martius, que, ao lado do companheiro zoólogo Spix, percorreu, entre 1817 e 1820, 14.000 quilômetros do território brasileiro (de São Paulo até Belém do Pará); além de incontáveis espécimes de fauna e flora, Martius, de regresso a Munique, levou consigo também quatro crianças indígenas da Amazônia, que tiveram posteriormente, sem exceção, destino trágico. O terceiro cientista explorador é o inglês Charles Darwin, que empreendeu uma viagem ao redor do mundo entre 1831 e 1836 a bordo do navio HMS *Beagle* (experiência fundamental para que depois ele chegasse à teoria da seleção natural e à sua obra mais famosa, *A origem das espécies*, publicada em 1859); esteve no Brasil em 1832 e, já de regresso à Inglaterra, em 1836; além de observações importantes sobre a flora e fauna brasileiras, Darwin legou-nos também uma visão penetrante sobre a sociedade brasileira e sua chaga imoral, o regime escravocrata; por fim, abordaremos a Comissão Científica do Império, patrocinada por Pedro II, a qual, entre 1859 e 1861, dedicou-se a pesquisas científicas no Ceará (entre seus membros estava o poeta romântico Gonçalves Dias, responsável pela seção de Etnografia). Calcada nos modelos das grandes expedições europeias, a Comissão Científica do Império buscava conhecer o país a partir de um olhar brasileiro – um país conhecendo-se a si próprio – e afirmar a nascente produção científica nacional. Na etapa seguinte do curso abordaremos obras ficcionais que dialogam com o legado dos naturalistas do século XIX; por exemplo, o romance histórico *O som do rugido da onça*, de Micheliny Verunschik, reconta a história da viagem de Martius, colocando em destaque o sequestro de crianças indígenas e a violência do processo de aculturação que se seguiu, mas também enfatizando a força de resistência dos povos originários do Brasil; o romance *Siriaco e Mister Charles*, do escritor cabo-verdiano Joaquim Arena, encena um encontro imaginário, na ilha de Santiago de Cabo Verde, entre duas figuras históricas, Charles Darwin e Siriaco, um escravo brasileiro com vitiligo que foi educado e integrado à “corte exótica” da rainha de Portugal, D. Maria I; o romance inventa uma extraordinária triangulação entre Brasil, Portugal e África, e, por esse procedimento, levanta questões pungentes sobre imperialismo, ciência, poder e racismo. Ambos os romances são muito pertinentes para serem pensados a partir do conceito de “transculturação”, proposto por Mary Pratt em seu livro seminal, *Olhos imperiais* (2010): a capacidade de criar novas narrativas, da perspectiva dos povos subjugados, a partir dos materiais transmitidos pela cultura dominante ou metropolitana. Além das obras literárias, a segunda etapa do curso também propõe a discussão do filme documentário chileno *O botão de pérola* (Patricio Guzmán, 2015), que reconta a história do sequestro de indígenas da Terra do Fogo por Robert Fitzroy, capitão do *Beagle*, e o destino trágico que tiveram: a violência do passado é aproximada pelo diretor à violência do governo ditatorial de Pinochet, que lançava corpos de ativistas políticos assassinados no oceano.

BIBLIOGRAFIA

Teórica (narrativas de viagem, história e teoria da viagem, ensaios sobre o mundo natural)

ALENCASTRO, Pedro (organização, tradução e textos complementares). *Darwin no Brasil: A viagem de Charles Darwin ao Brasil e suas contribuições para a teoria da evolução*. Ilustrações de Júlia d'Oliveira, Máira Mezzacappa, Dilma Nascimento e Alisson Prazeres. Porto Alegre, Duas Aspas, 2023.

AUGUSTIN, Günther. *Literatura de viagem na época de Dom João VI*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009.

BARREIRO, José Carlos. *Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: Cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo, Editora Unesp, 2002.

BELLUZZO, Ana Maria (organização). Dossiê Brasil dos Viajantes. In: *Revista USP*. Nº.30. São Paulo, USP, junho-julho-agosto 1996.

_____. *O Brasil dos Viajantes*. 3 volumes. São Paulo. Metalivros, Objetiva, 2000 (especificamente o Volume 2: *Um lugar no universo*).

BRIZUELA, Natalia. O som da natureza, ou escrevendo com luz nos trópicos: Hercule Florence. In: *Fotografia e Império: paisagens para um Brasil moderno*. São Paulo, Companhia das Letras, IMS, 2012.

CABRAL, Diogo de Carvalho. O “mato”: mestiçagem e construção da alteridade florestal. In: *Na presença da floresta: mata atlântica e história colonial*. Rio de Janeiro, Garamond, 2014.

CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In: *O olhar*. Organização de Adauto Novaes. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

CARTUM, Leda e NESTROVSKI, Sofia. *As vinte mil léguas de Charles Darwin: o caminho até A origem das espécies*. São Paulo, Fósforo; Edições Sesc São Paulo, 2022.

COCCIA, Emanuele. *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*. Tradução de Fernando Scheibe. Desterro (Florianópolis), Cultura e Barbárie, 2018.

CORBIN, Alain. *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. Tradução de Lígia Watanabe. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

DARWIN, Charles. *A viagem do Beagle*. Tradução de Daniel Moreira Miranda. São Paulo, Edipro, 2024.

DIENER, Pablo e COSTA, Maria de Fatima. *Martius*. Rio de Janeiro, Capivara, 2018.

FLORENCE, Hércules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. Tradução do Visconde de Taunay. Brasília. Edições do Senado Federal, 2007.

FREITAG-ROUANET, Barbara. *Viajando com Langsdorff*. Brasília, Edições do Senado Federal, 2013.

KEITH, Thomas. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. Tradução de João Roberto Martins Filho. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

KOMISSAROV, Bóris. *Da Sibéria à Amazônia: A vida de Langsdorff*. Tradução de Victória Namestnikova El Murr. Brasília, Edições Langsdorff, 1992.

KURY, Lorelai (organização). *Comissão Científica do Império: 1859-1861*. Rio de Janeiro, Andrea Jakobsson Estúdio, 2009.

_____ (organização). *Cadernos de viagens*. Rio de Janeiro, Andrea Jakobsson Estúdio, 2019.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Livros de viagem: 1803-1900*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.

MACIEL, Maria Esther. *Animalidades: zooliteratura e os limites do humano*. São Paulo, Editora Instante, 2023.

MOREIRA, Delmo. *Catorze camelos para o Ceará: a história da primeira expedição científica brasileira*. São Paulo, Todavia, 2021.

PRATT, Mary Louise. *Ojos imperiales: literatura de viajes y transculturación*. Traducción de Ofelia Castillo. México, Fondo de Cultura Económica, 2010.

ROCHA, Carlos Frederico Duarte da. *Naturalistas viajantes no Brasil (1783-1888)*. Rio de Janeiro, Andrea Jakobsson Estúdio, 2022.

SALLAS, Ana Luisa Fayet. *Ciência do homem e sentimento da natureza: viajantes alemães no Brasil do século XIX*. Curitiba, Editora UFPR, 2013.

SCARPI, Paolo. *La fuga e il ritorno: storia e mitologia del viaggio*. Venezia, Marsilio Editori, 1992.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: O narrador, a viagem*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

Obras ficcionais

ARENA, Joaquim. *Siríaco e Mister Charles*. Rio de Janeiro, Gryphus; Lisboa (Portugal), DGLAB, 2024.

FIGUEIREDO, Rubens. *Passageiro do fim do dia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

MACIEL, Maria Esther. *Pequena enciclopédia de seres comuns*. Ilustrações Julia Panadés. São Paulo, Todavia, 2021.

VERUNSCHK, Micheliny. *O som do rugido da onça*. São Paulo, Companhia das Letras, 2021.

Filme documentário

O botão de pérola (Direção e roteiro de Patricio Guzmán; Chile, 2015).